

# O PAULO É NOSSO!

Depois de 8 meses de Brasil, Paulo Freire é entrevistado pelo PORANDUBAS. Foi um papo muito gostoso.



**PORANDUBAS:** Depois desses 8 meses de PUC, como é que você sente esta Universidade?

**Paulo Freire:** Quando visitei o Brasil em agosto de 1979, eu insisti em várias entrevistas que eu não poderia chegar aqui — após uma ausência de 16 anos — e dizer: “Bem, como eu ia dizendo...”.

Agora que voltei de vez, estou dispostíssimo a reaprender, a reestudar nossa realidade. Estou muito preocupado com o problema educacional brasileiro. Minha primeira impressão é de que a realidade da PUC, da USP, da UNICAMP, da Federal de São Carlos, não é a realidade toda. Minha experiência da PUC e UNICAMP não me autoriza a falar em termos gerais com relação à Universidade.

Contudo, a impressão que tenho da PUC é que, apesar de ela ser particular, revela um alto espírito público. Isso a gente pode ver a partir dos preços que são cobrados. É verdade que os preços são caros em relação à nossa população mas que não são comparáveis às outras instituições de ensino.

Aqui na PUC venho trabalhando na Pós-Graduação e o grupo de estudantes com quem trabalho é de muito bom nível. Estou realmente contente com o que tem sido possível realizar com eles. Outro trabalho que realizo aqui e que é muito gratificante é o de estar próximo a algumas equipes de professores e alunos que trabalham na periferia de São Paulo. Esse trabalho me compensa, me alegra, me satisfaz. Aqui dentro da PUC me sinto livre para atuar sem restrições.

Minha volta ao Brasil tem sido razão de uma alegria incontida e minha presença na PUC me dá uma satisfação imensa.

Quero ver se possivelmente ano que vem eu posso trabalhar um pouco no Básico e não só com o Pós porque acho falsa a separação do professor que fica no Doutorado e outro que fica no Básico. Por exemplo, já estou trabalhando no Básico da UNICAMP.

## EXPRESSÃO CASTRADA

**PORANDUBAS:** E o que você tem aprendido com os alunos?

**Paulo Freire:** É uma beleza! Outro dia ouvi de uma jovem da UNICAMP: “Paulo, depois de 4 horas de conversa tão simples entre nós, eu fico pensando em alguns professores que perdem a oportunidade da beleza da nossa palavra, porque não acreditam na gente, que tem tanto pra dizer...” E confesso, eles têm mesmo o que dizer! Fico contentíssimo com isso.

**PORANDUBAS:** Você já percebe alguns obstáculos aqui na PUC?

**Paulo Freire:** Os obstáculos da PUC derivam da estrutura, da situação política, histórica e ideológica em que a gente está.

Do ponto de vista de uma educação mais crítica, nossa escola em geral tem muito a ver com essa carga extraordinária de autoritarismo que há na sociedade brasileira. Daí vem a dificuldade de participação que tem o jovem, não que ele não queira participar mas ele foi deformado porque não tem sido levado a tomar a sua educação nas próprias mãos, como co-autor. Uma jovem professora nos contava certa vez que seus alunos a consideraram incompetente porque ela os convidou a participar da elaboração da programação. Essas coisas também acontecem na Europa, EUA. Isso vem de casa, vem do sistema em que estamos enraizados.

Uma coisa que me preocupa enormemente, e sobre que tenho conversado muito por aí, é uma espécie de perda do controle da linguagem que a juventude vem sofrendo de uns anos para cá. Creio que quem sofre mais disso é uma parte da geração nova, aquela que vem chegando à Universidade. Para mim, o problema não é uma questão de gramática: trata-se da expressividade. Isso tem a ver com a relação entre linguagem e sociedade, entre linguagem e ideologia. Há uma indiscutível relação entre a sociedade repressiva e a necessidade de uma linguagem metafórica, simbólica em que a gente se esconde e se defende. Nos períodos

muito rígidos, em geral é produzida uma poesia muito metafórica: por isso é que o “Cale-se” ordenado à Nação na boca do Chico e Gil virou “Cálice”.

Tenho a impressão de que grande parte da geração jovem está castrada na capacidade de expressão ao mesmo tempo que recebe uma certa linguagem que não lhe pertence. Isto me aflige pois o jovem chega à Universidade quase sem ler e sem escrever e às vezes encontra professores que de certa forma pioram as dificuldades dos jovens com o uso de uma linguagem sofisticada. Isso me preocupa intensamente.

Uma coisa que eu defenderia é um curso sobre leitura, prévio a qualquer curso universitário. Vê bem, não estou defendendo uma situação em que um professor formalista venha dar aulas sobre como ler de forma puramente mecânica,

mas um professor que venha ler contigo, mostrando o que significa o ato de ler. Certa vez tive um encontro com turmas de um curso de Leitura para o Básico. Ai uma das meninas veio conversar: “Paulo, quando eu li pela primeira vez a Pedagogia do Oprimido, achei muito difícil. Mas agora que estou aprendendo a ler, descobri que teu livro é muito claro”. Me assustei quando encontro jovens de olhos vivos, expressão no rosto, nas mãos e eles me vêm falando assim: “Bem, Paulo, tu me estás entendendo, né? Essa coisa, né? Pô, tu sabes o que estou dizendo, certo?”. Ora, isso significa que o sujeito está bloqueado na sua capacidade expressiva.

## A FALA DO POVO

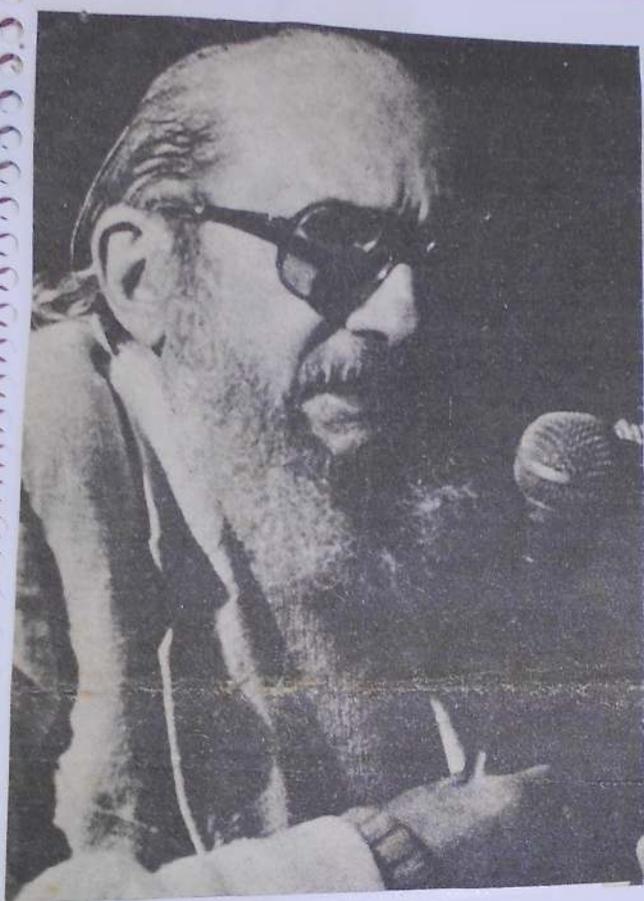
**PORANDUBAS:** Essa castração de expressividade atinge também o povo?

**Paulo Freire:** Sabe, eu acho formidável tua pergunta. Não posso responder categoricamente porque também estou buscando respostas. Tenho a impressão de que a geração jovem pertencente à classe dominada sofreu menos este impacto, a não ser quando começa chegar aos suplementos. Quanto ao povo, tenho a impressão de que as coisas são diferentes...

**PORANDUBAS:** A carne é que foi tocada, né?...

**Paulo Freire:** É claro que quando se toca a carne se toca também a linguagem, só que já faz 400 anos que esse povo leva porretada.

Estou tentando trabalhar com uma equipe preocupada em estudar o discurso



popular. Pensamos em dizer da nossa preocupação a grupos populares e perguntar se eles se dispõem a gravar sua fala pra gente. Por outro lado, há outras pessoas também interessadas em refletir e pesquisar sobre a linguagem e a expressividade do universitário. Quem sabe, daqui a um ano haja 200, 300 estudantes envolvidos nesta busca!!!

Claro, ninguém está pensando que a educação consegue a transformação social. Mas a gente sabe que as relações entre o sistema educacional e a sociedade global não são mecanicistas mas dialéticas, contraditórias. O problema é ver até que ponto sabemos aproveitar bem o espaço institucional, efetivamente, e não ficarmos parados no que gostaríamos de fazer.

**PORANDUBAS:** Uma das aspirações da PUC é o contato com o povo...

**Paulo Freire:** Olha, não se pode negar que a sociedade é rachada pelo conflito de classes. Claro, não foi Marx que "inventou" a luta de classes; ele reconhece que os economistas burgueses já haviam constatado sua existência. O que não é possível é negar a existência deste conflito. É claro que a universidade que está aí não é uma universidade com o povo. Quando digo "povo" eu me lembro de uma operária de 19 anos que se perguntava "Quem é o povo?". E ela mesma respondia: "O povo é quem não se pergunta quem é o povo".

Claro, numa sociedade elitista, discriminatória, racista, sexista, de um capitalismo capenga, o povo é mantido tanto quanto possível longe da universidade.

Então me perguntam: "Paulo, o que tu fazes dentro de uma universidade numa sociedade assim? É que eu sei que a transformação social não se faz por decreto, não se ganha de presente mas se dá processualmente. Por isso, na universidade eu procuro fazer o que me é possível agora. Por isso, voltei ao nosso país, para participar com vocês, dando um empurrão mínimo. Isso eu pretendo fazer até o fim, se não for cortado de novo..."

Concluindo. Eu acho que tem sentido trabalhar na universidade. Fazer nela o melhor que eu posso. Se eu não visse esse sentido, não teria significação ter voltado.

Contudo, só a universidade não me satisfaz, daí que eu tenho outra atividade política, que também é docente, fora daqui, com o povo.

### INTELLECTUAL-PERIFERIA

**PORANDUBAS:** A teu ver, o que o intelectual vai fazer na periferia?

**Paulo Freire:** Bom, eu podia começar a falar gramscianamente. Não nego minha profunda admiração por Gramsci, que descobri no Chilo, fiquei vibrando e aprendi muito com ele.

Contudo, vou te responder a partir do que me foi possível aprender. Não concordo com a manipulação, com espontaneísmo e nem com o "basismo" que afirma que só serve o que vem da base. Na realidade, ninguém sabe tudo mas ninguém ignora tudo; todo mundo sabe alguma coisa e desconhece muitas outras.



O povo sabe simplesmente porque está vivo, quer dizer, o povo sabe porque trabalha e, mesmo quando não trabalha, trabalha procurando trabalhar: é a prática mesma que faz com que o povo saiba. Agora, há uma certa gradação entre a sabedoria popular, ampla, genérica, que resultou de uma prática mas que não é a

teoria de si mesma. A reflexão popular devemos juntar a nossa. A sua sabedoria um pouco do nosso rigor.

Para isso, porém, precisamos ser capazes de compreender a sintaxe, a estrutura do pensamento do povo. Ser capazes de entender a significação das palavras que o povo usa, no contexto do pensamento dele. Em suma, ser capazes de conviver com a sabedoria popular, sem estragá-la mas saltando dela junto com o povo até um progressivo rigor de análise do real.

Resumindo: Não é tudo que vem do povo que está certo, e nem tudo o que parte da gente é que presta. Mao dizia que nós não teríamos a fazer outra coisa senão devolver ao povo, de maneira organizada o que o povo nos dá de maneira desorganizada. Pois eu faria uma restrição ao velho Mao: o povo não dá desorganizadamente. Ele dá sua sabedoria de forma organizada do seu ponto de vista, e não do nosso.

**PORANDUBAS:** Voltando à pergunta... **Paulo Freire:** Agora citando Gramsci, o papel do intelectual orgânico em relação às classes dominadas é conviver com elas. É espantoso como se pode fazer um discurso revolucionário e ao mesmo tempo não acreditar na massa popular.

Outra coisa que me assusta é o simplismo com que certos intelectuais falam a um grupo popular. Chegam dizendo as coisas pela metade, cortando as palavras, dizendo "a gente chegemos". O povo recusa essa falsa simplicidade, até se ofende com isso, porque não é o modo como a gente fala habitualmente.

Tive uma experiência muito bacana em São Carlos, onde ouvia cada mês. Foi num encontro com alfabetizados, onde procurei usar uma linguagem simples, não simplista. Lá pelas tantas, um deles me falou: "Olha, Paulo, a gente sabe que você é um doutor mas a gente se entende um ao outro". A conversa seguiu e outra pessoa disse que ao começar o curso pensava que não sabia nada, mas agora ele sabia: "Antes eu não conhecia as palavras, mas hoje eu escrevo e leio". Eu questioneei a idéia deles de que saber é só escolaridade e todo mundo acabou percebendo que sabe porque pratica. Ai, um dos presentes definiu "saber": "o saber vem do pensamento. O pensamento é uma bola em movimento que sai, sai, sai, sai e quando está fora da gente ela procura o que está fora. Ai, vem na direção da bola do pensamento em movimento a 'ensinação' (olha só, ele inventou essa palavra, que é muito mais dinâmica que 'ensino), que se casa com a bola do pensamento e aí nasce o saber". É formidável!

Portanto, o fundamental é não idealizar o povo nem se sobrepor a ele.

### P.F. É CRISTÃO?

**PORANDUBAS:** Diante disso, tudo o que é ser cristão pra você?

**Paulo Freire:** Certa vez me perguntaram

se eu não me achava um cara contraditório: "tu fazes uma análise tão real, tão dialética, análises a sociedade na base das relações sociais de produção e ao mesmo tempo trabalhas no Conselho Mundial das Igrejas". Ai eu respondi: "E que tem de mal nisso? Primeiro, ser contraditório é meu direito e assim me sinto feliz. O que eu não compreenderia em mim seria usar Cristo para trair os oprimidos. Isso nunca. Por outro lado, Cristo jamais me pediu semelhante coisa. Pelo contrário, sempre me levou à defesa dos "condenados da terra"..."

**PORANDUBAS:** Qual a relação entre sua atividade e sua fé?

**Paulo Freire:** Olha, a posição com a qual eu vivo em paz, é a seguinte: eu acredito na presença de Deus na História. Mas não é só isso, porque essa presença não me proíbe de fazer história, mas exige que eu faça e que seja feito por ela. Agora, pergunto aos que não participam de minha crença: em que é que eu estou atrapalhando? vejam a minha prática. Vejam se estou traíndo a massa popular. Eu estou dizendo a quem tem fome que Deus está testando a capacidade dessas pessoas de amá-lo? Claro que não!

**PORANDUBAS:** Está-nos parecendo que a sua pessoa é ponto de convergência de duas posturas diametralmente opostas. De um lado, marxistas ortodoxos que dizem de você: "é um cristão a mais..."

**Paulo Freire:** Exatamente! Mas eu tenho amigos marxistas, no Brasil, em Cuba e em outros países, que me respeitam profundamente, me recebem como assessor deles, por exemplo em Angola. Tem também gente dos dois lados que me mete a lenha; mas não dá pra ter raiva. Eles terminam metafísicos demais, perderam a razão da história.

**PORANDUBAS:** Paulo, que fim levou a tua 'alegria menina' do retorno?

**Paulo Freire:** Puxa rapaz! A alegria menina continua vivíssima e menina ainda. Acho que ainda vou viver muito e morrer no Brasil. Pois bem, quando eu morrer, esta alegria ainda estará menina!

Do outro lado, os católicos ortodoxos: "é um marxista, perigosos!". Isto não seria idealismo de ambas as partes?

51



Elza e Paulo — 1944

**P**aulo Freire começou a sua vida profissional dando aulas de português. Ele queria estudar Linguística, mas só pode fazer isso mais tarde, e sózinho: "Sou autodidata com muito orgulho." Sua graduação foi em Direito, mas "acho que o meu destino era mesmo ser educador".

Ele passou a se interessar mais por Educação depois que Elza — sua esposa e musa — lhe sugeriu algumas leituras sobre comunicação. Sugestões à parte, eles se casaram, muito moços, o que atrasou um pouco a carreira acadêmica de Paulo: "Casei com 23 anos, e aliás, eu jamais permiti que minha vida amorosa fosse prejudicada pelo rigor científico."

Paulo é da primeira geração da Universidade do Recife. Quando ela foi instaurada, ele estava no último ano da Faculdade de Direito. "Por lá não existia esse negócio de mestrado e doutoramento. Eu, por exemplo, entrei no ginásio com 17 anos: vocês não podem exigir de mim o que se exige das gerações atuais, ou do pessoal da minha geração, que estava aqui em São Paulo na época."

A experiência como advogado foi desastrosa: desistiu da profissão na primeira causa, por não conseguir cobrar a dívida de um dentista também em início de carreira: "o senhor não pode tomar os meus instrumentos de trabalho, mas pode ocionar os meus móveis." Paulo se derreteu mais ainda com a menção da filha do dentista, que tinha a idade da sua: "Volte para a casa, disse ele, e diga à sua mulher que vocês vão ter uns vinte dias de paz. Vou demorar uns 15 dias para avisar meu cliente que não sou mais advogado, e ele vai demorar no mínimo uns 10, para colocar outro no meu lugar." Quando Paulo voltou para a casa, Elza estava no portão, esperando. E quando soube que ele abandonara a advocacia disse: "eu sabia que você não ia engolir isso."

Em 1947 — recém casado — Paulo começou a trabalhar no SESI, que apesar de ser uma entidade assistencialista, feita para amaciar a classe operária, lhe permitiu desenvolver um trabalho intenso. Ele diz que no SESI aconteceu o seu encontro com os meninos proletários, que

em 1929 marcaram tanto a sua vida... "Eu vivia entre o mundo dos meninos que comiam pouco — mas comiam — e o mundo dos meninos que não comiam nada. Em 47 eu me re-encontrei com estes já adultos. Foi emocionante para mim."

No SESI Paulo começou a por em prática as suas intuições: "eu já estava convencido de que ou a gente se arrisca, ou não cria". Logo passou a diretor da Divisão de Educação, e a partir da observação da prática dos professores, passou a fazer estudos mais sistemáticos sobre educação, até chegar a uma visão global do fenômeno educativo. Por esta época, ele já era conhecido no Recife, e recebia muitos convites para participar de palestras e seminários.

Em 1953, foi convidado a dar aulas de História da Filosofia da Educação, estuda muito, e prepara uma tese de defesa de cátedra sobre o tema "Educação e Atualidade Brasileira". Fez apresentação de títulos, prova escrita, e apresentou uma aula perante a banca. Saiu da defesa como Doutor em Pedagogia, mas não ficou com a cátedra, porque uma outra concorrente teve nota dois décimos superior à sua.

Ficou como professor na Faculdade de Filosofia, e foi um dos organizadores do Serviço de Extensão Cultural da Universidade. Mas foi aposentado em 1964.

Paralelamente a tudo isso, Paulo trabalhava com o povo, e foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco.

Sua experiência com a educação de adultos começou na periferia de Recife, de onde se estendeu para o Rio Grande do Norte, Paraíba, e para o resto do Brasil.

Em 64 saiu do Brasil e foi para o Chile, de onde partiu em 1969, para Harvard. A seguir foi para a Suíça, trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas. Dessa base ele correu o mundo todo.

Em 1979 visitou o Brasil, voltou definitivamente em junho de 1980. Esperamos que fique para sempre entre nós.